

Haydu, Verônica Bender. Por que Maria enganou Mauro? **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1194, p. 7, nov. 2005.

Por que Maria enganou Mauro?

No artigo que escrevi sobre “quando a paixão não dá certo”, os personagens fictícios que inventei, Mauro e Maria, que aparentemente estavam se dando bem, romperam bruscamente por iniciativa de Maria, que se revelou insensível, incoseqüente e que, provavelmente, havia mentido para Mauro durante todo o tempo em que estiveram se encontrando (namorando). Mauro foi pego de surpresa e não conseguiu sequer perguntar por que Maria estava dizendo aquelas coisas que não faziam sentido para ele.

Maria poderia ter enganado Mauro porque é uma daquelas pessoas que parecem não querer ou não saber amar e que se envolvem com outras pessoas apenas por diversão. Tudo, para essas pessoas, não passa de um jogo, um jogo de sedução e de conquista. Conquistar e sentir o outro se apaixonar lhes dão prazer e fazem com que elas se sintam felizes e realizadas. Uma vez tendo alcançado seu objetivo, partem para outra conquista, para outro jogo de sedução. Esta é, evidentemente, apenas uma das formas de enganar e de mentir, e uma das possíveis razões que levou Maria a enganar Mauro.

Maria poderia ter mentido para Mauro por outras razões. Por exemplo, talvez ela estivesse comprometida com outra pessoa, quando o conheceu. Um namorado ciumento, o Pedro, que estivesse trabalhando fora do país. Após ter ido para Europa, Pedro fez contato com Maria, telefonando e enviando mensagens pela Internet. No entanto, com o passar do tempo, este contato foi diminuindo e acabou cessando. Ao conhecer Mauro, Maria escreveu uma mensagem para Pedro terminando o namoro, pois ela estava gostando de Mauro. Pedro não respondeu. Ao retornar da Europa, depois de mais de 1 ano, Pedro procurou Maria e quis voltar com ela. Ele ficou sabendo que ela tinha outro namorado e ameaçou agredi-lo. Maria ficou com medo e decidiu romper com Mauro e para que ele não tentasse procurá-la, ela mentiu sobre seus sentimentos.

Se analisarmos corretamente essas duas possíveis razões, que poderia ter levado Maria a enganar Mauro, veremos que elas podem ser classificadas em duas categorias: uma em que colocaríamos as razões que trazem benefícios à pessoa que mente (razões egoístas) e a outra que leva a beneficiar a outra pessoa (razões altruístas). Na primeira versão do caso de Maria e Mauro, diríamos que ela estava sendo tremendamente egoísta, não avaliando as conseqüências para Mauro, da brincadeira que ela desenvolveu. Ela visou apenas seu próprio

prazer, sem levar em consideração o que ele poderia estar sentindo. No segundo caso, ela tentou proteger Mauro de ter que enfrentar Pedro. Diríamos que, neste caso, ela teve um comportamento altruísta.

Com base nesses dois critérios, altruísmo e egoísmo, costumamos avaliar e julgar a relevância ou a gravidade das mentiras. No entanto, coloco o seguinte questionamento, não teria sido muito melhor se Maria tivesse contado a Mauro sobre Pedro, desde o começo? Maria teria sido vulnerável logo no início, o que, provavelmente, levaria ao estabelecimento de intimidade. Sendo honestos um com o outro, conquistamos confiança e criamos as condições necessárias para que haja cumplicidade.

Intimidade, confiança e cumplicidade são os principais ingredientes de um bom relacionamento, seja ele de amizade ou de amor. Uma pessoa que mente não tem amigos, pois como todos sabem, não precisamos dizer “somos amigos sinceros”: Se for amigo, é sincero! Se for amor - amor romântico - além da intimidade, da confiança e da cumplicidade é importante que haja comprometimento e paixão.

Exceto em casos muito especiais como, por exemplo, ao ocultar a gravidade de uma doença, a mentira pode ser justificável. Mesmo assim, não dizer a uma pessoa que ela está doente, pode ser muito ruim, pois a pessoa pode deixar de se empenhar no tratamento, enquanto não for esclarecida sobre o seu estado de saúde.

Você pode acessar os textos anteriores da minha coluna, no meu *site* pessoal: www.uel.br/pessoal/haydu.

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo